

Deepak Nayyar

## A corrida pelo crescimento

Países em desenvolvimento  
na economia mundial

TRADUÇÃO  
Vera Ribeiro

**CONTRAPONTO**

  
Centro Internacional  
**CELSO FURTADO**  
de Políticas para o Desenvolvimento  
The International CELSO FURTADO Center for Development Policies

**Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento**

Av. República do Chile 330, 2º andar, Torre Oeste, Edifício Ventura

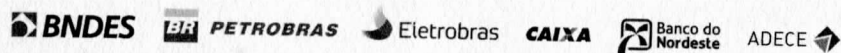
Centro, Rio de Janeiro, RJ

CEP 20031-170

Tel: (21) 2172-6312 / 2172-6313

Email: centro@centrocelsofurtado.org.br

Patrocinadores



**Contraponto Editora Ltda.**

Av. Franklin Roosevelt 23 / 1405

Centro, Rio de Janeiro, RJ

CEP 20021-120

Tel: (21) 2544-0206 / 2215-6148

Email: contato@contrapontoeditora.com.br

© Deepak Nayyar, 2013

Título original: Catch Up: Developing Countries in the World Economy.

Tradução publicada mediante acordo com Oxford University Press.

Direitos adquiridos para o Brasil por Contraponto Editora Ltda.

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro,  
por quaisquer meios, sem autorização da Editora.

Preparação de originais: César Benjamin

Revisão tipográfica: Tereza da Rocha

Projeto gráfico: Regina Ferraz

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N244c Nayyar, Deepak, 1946-

A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na  
economia mundial / Deepak Nayyar ; tradução Vera Ribeiro. –  
1. ed. – Rio de Janeiro : Contraponto, 2014.

320 p. ; 23 cm

Tradução de: Catch up: developing countries in the world  
economy

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7866-101-4

1. Capitalismo – Brasil – História. 2. Capital (Economia).  
I. Título.

*Para Rohini*

## Sumário

Prefácio	9
Lista de figuras	13
Lista de tabelas	15

### Prólogo

1. Uma história não contada	21
-----------------------------	----

### Parte I. Ficando para trás

2. A Grande Divergência e a Grande Especialização	31
3. Perguntas e respostas subjacentes	63

### Parte II. Buscando o emparelhamento

4. Fim da divergência: primórdios da convergência?	87
5. Entrosamento na economia mundial	123
6. O emparelhamento na industrialização	159
7. Parceiros desiguais e desenvolvimento irregular	199
8. Divergências emergentes: desigualdade, exclusão e pobreza	233

### Epílogo

9. O futuro no passado	265
------------------------	-----

Apêndice: Fontes estatísticas e notas	285
Notas	293
Referências bibliográficas	305
Índice remissivo	315

## **Fim da divergência: primórdios da convergência?**

Os capítulos anteriores situaram o tema deste livro em seu contexto histórico mais amplo, a fim de destacar a importância esmagadora da Ásia, da África e da América Latina na economia mundial até meados do século XVIII, seguida por seu rápido declínio ao longo do século XIX, que culminou numa queda quase completa em meados do século XX. Este capítulo traça as mudanças na importância dos países em desenvolvimento na economia mundial, em termos de população e renda, durante a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI. Ao fazê-lo, oferece uma perspectiva global, com foco na participação dos países em desenvolvimento na renda mundial e na comparação de sua renda *per capita* com a dos países industrializados. Dadas a diversidade e as diferenças dentro do mundo em desenvolvimento, o capítulo também procura desmembrar a análise da Ásia, da África e da América Latina, embora isso não se estenda ao exame de países, além das regiões.

A estrutura do capítulo é a seguinte. A seção 1 considera as mudanças na participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial e no nível de renda *per capita* em relação aos países industrializados, em termos das estatísticas da PPA de Maddison, a fim de destacar o processo de emparelhamento na produção agregada e de tecer comparações com o passado. A seção 2 analisa as mudanças na participação e no nível de renda dos países em desenvolvimento, a taxas de câmbio de mercado, com base em

estatísticas das contas nacionais, para enfocar as diferenças entre as regiões e as assimetrias entre as mudanças na participação e no nível de renda, comparados aos dos países industrializados. A seção 3 examina os dados sobre as taxas de crescimento do PIB e do PIB *per capita*, sublinhando a participação mutável dos grupos de países ou das regiões no PIB mundial, bem como a convergência ou divergência no PIB *per capita*. A seção 4 discute as hipóteses principais sobre a convergência na história econômica e na teoria econômica, a fim de fornecer uma avaliação crítica e relacioná-la com o tema deste capítulo.

### 1. Emparelhamento na produção e comparações com o passado

Para os países em desenvolvimento na economia mundial, 1950 talvez tenha sido um momento importante de virada. Foi o início da era pós-colonial, quando países que haviam recém-conquistado a independência, começando pela Ásia e, pouco depois, pela África, procuraram recuperar o atraso em termos de industrialização e desenvolvimento. A tabela 4.1 apresenta dados sobre a participação dos países em desenvolvimento, com suas regiões constitutivas, dos países industrializados e das economias em transição do Leste Europeu, inclusive a antiga URSS, na população mundial e no PIB global, em anos de referência seletos do período de 1950 a 2008.<sup>1</sup> Os dados de Maddison sobre o PIB em termos da PPA, que serviram de base para a tabela, aparecem em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990. Isso atende a um objetivo importante, na medida em que permite comparações com o passado. Mas tem também uma significativa limitação: o método da paridade do poder aquisitivo, desenvolvido para comparações internacionais da renda real entre indivíduos no nível microeconômico, não é muito apropriado para os agregados no nível macroeconômico. Por isso, a seção seguinte considera as mudanças na participação e no nível de renda dos países em desenvolvimento a taxas de câmbio de mercado.

**Tabela 4.1. Participação dos países em desenvolvimento, dos países industrializados e do Leste Europeu / antiga URSS na população mundial e no PIB mundial: 1950-2008**

(em percentagens)

	População mundial						
	1950	1962	1973	1980	1990	2001	2008
Países em desenvolvimento	67,0	69,1	72,5	74,4	77,0	79,4	80,7
Ásia	51,5	52,2	54,6	55,5	56,6	57,3	57,4
África	9,0	9,5	10,1	10,8	12,0	13,5	14,6
América Latina	6,5	7,3	7,8	8,1	8,4	8,6	8,7
Países industrializados	22,4	20,7	18,3	17,0	15,2	14,0	13,3
Leste Europeu e antiga URSS	10,6	10,3	9,2	8,6	7,8	6,6	6,0
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

	PIB mundial						
	1950	1962	1973	1980	1990	2001	2008
Países em desenvolvimento	27,1	26,6	28,4	31,7	34,9	42,5	49,4
Ásia	15,6	14,9	16,3	18,3	23,3	31,0	38,0
África	3,8	3,5	3,4	3,6	3,3	3,2	3,4
América Latina	7,8	8,1	8,7	9,8	8,3	8,2	7,9
Países industrializados	59,8	59,8	58,7	56,4	55,4	51,9	44,2
Leste Europeu e antiga URSS	13,0	13,6	12,9	11,9	9,8	5,6	6,4
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Nota: As percentagens foram calculadas a partir de dados populacionais em milhões de habitantes e de dados do PIB em milhões de dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990.

Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison *on-line*; ver Apêndice.

Os dados da tabela 4.1 sugerem que duas fases podem ser distinguidas: de 1950 a 1980 e de 1980 a 2008. Vale destacar que 2008 é o último ano das estatísticas de Maddison de que dispomos. Mas ele também é apropriado como ano final de um estudo de tendências a longo prazo, pois a crise financeira que veio à tona no fim de 2008 transformou-se na Grande Recessão que persiste até hoje.

Entre 1950 e 1980, a participação dos países em desenvolvimento na população mundial elevou-se de 67% para 74%, enquanto sua participação no PIB mundial interrompeu seu declínio e subiu de 27% para 32%. Na população mundial, a participação dos países industrializados, representados por América do Norte, Europa Ocidental, Japão e Oceania, caiu de 22% para 17%, enquanto sua participação no PIB global desceu de 60% para 56%.

Grande parte do aumento da participação dos países em desenvolvimento deu-se à custa dos países industrializados. O restante do aumento deu-se à custa das antigas economias de planejamento central do Leste Europeu e da URSS, que tiveram um modesto declínio em sua participação na população e no PIB mundiais. É importante reconhecer que esse período coincidiu, em linhas gerais, com os anos dourados do capitalismo nos países industrializados, associados ao rápido crescimento econômico (Marglin e Schor, 1990), e com a era de sucesso econômico dos países socialistas, também associada ao rápido crescimento econômico. Todavia, o crescimento econômico foi ainda mais acelerado nos países em desenvolvimento.

Isso constituiu uma clara inversão das tendências de crescimento do período de 1820 a 1950, quando o “Ocidente” saiu-se muito melhor do que o “Resto”. A participação da Ásia na população mundial teve um aumento de 4%, mas sua participação no PIB global também aumentou quase 3%. A participação da América Latina na população mundial aumentou 1,6%, mas sua participação no PIB global teve um aumento de 2%, e a segunda foi sistematicamente mais alta que a primeira. A África foi a exceção, pois sua participação na população mundial subiu quase 3%, mas sua participação no PIB mundial permaneceu quase inalterada. Ao que parece, para o conjunto dos países em desenvolvimento, sustou-se a divergência no aumento da produção que havia caracterizado os 130 anos anteriores.

Dada a distribuição assimétrica da produção e da população no mundo, não é de admirar que essa mudança profunda não tenha contido a divergência da renda *per capita*, que continuou a evoluir, ainda que não no mesmo ritmo do passado. A tabela 4.2 compara o PIB *per capita* do conjunto dos países industrializados com o PIB *per capita* do Leste Europeu, da antiga URSS e dos países em desenvolvimento e suas regiões constitutivas.<sup>2</sup> Entre 1950 e 1980, como percentagem do PIB *per capita* dos países industrializados, o PIB *per capita* da América Latina caiu de 45% para 36%.

**Tabela 4.2. Comparação do PIB *per capita* entre países industrializados, Leste Europeu / antiga URSS e mundo em desenvolvimento: 1950-2008**

	Proporções do PIB <i>per capita</i>						
	1950	1962	1973	1980	1990	2001	2008
<b>Países industrializados</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Leste Europeu	37,4	38,5	38,2	38,7	28,9	27,0	33,9
Antiga URSS	50,4	49,1	46,4	43,0	36,8	20,9	31,3
<b>Países em desenvolvimento</b>	<b>15,1</b>	<b>13,3</b>	<b>12,2</b>	<b>12,9</b>	<b>12,4</b>	<b>14,4</b>	<b>18,4</b>
Ásia	11,3	9,9	9,3	10,0	11,3	14,6	19,9
África	15,8	12,7	10,6	10,1	7,6	6,5	7,0
América Latina	44,5	38,4	34,6	36,4	27,0	25,7	27,6

Nota: O PIB *per capita* foi medido em milhões de dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990.  
Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison *on-line*; ver Apêndice.

O rápido crescimento da população do mundo em desenvolvimento significou que a divergência na renda *per capita* aumentou em toda parte. Em termos proporcionais, ela foi considerável na América Latina e na África, mas foi um pouco menor na Ásia, possivelmente por já ser muito grande. Não houve divergência no PIB *per capita* do Leste Europeu, e ela foi modesta no PIB *per capita* da URSS, em comparação com a dos países industrializados.

As tendências foram mais pronunciadas e a transformação foi mais significativa no período seguinte. Entre 1980 e 2008, a participação dos países em desenvolvimento na população mundial registrou um aumento similar, de 74% para 81%, mas sua participação no PIB global aumentou muito mais, passando de 32% para 49%. No mesmo período, a participação dos países industrializados na população mundial caiu de 17% para 13%, enquanto sua participação no PIB mundial baixou de 56% para 44%. Dois terços do aumento da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial deram-se à custa dos países industrializados, enquanto o terço restante ficou por conta do Leste Europeu e da antiga URSS, onde o desempenho econômico revelou-se claramente pior depois do colapso do comunismo, já que houve uma contração acentuada da produção durante os primeiros anos de transição. Ao que parece, para os países em desenvolvimento, vis-

tos como um grupo na economia mundial, a tendência que se inverteira por volta de 1980 ganhou impulso desde então.

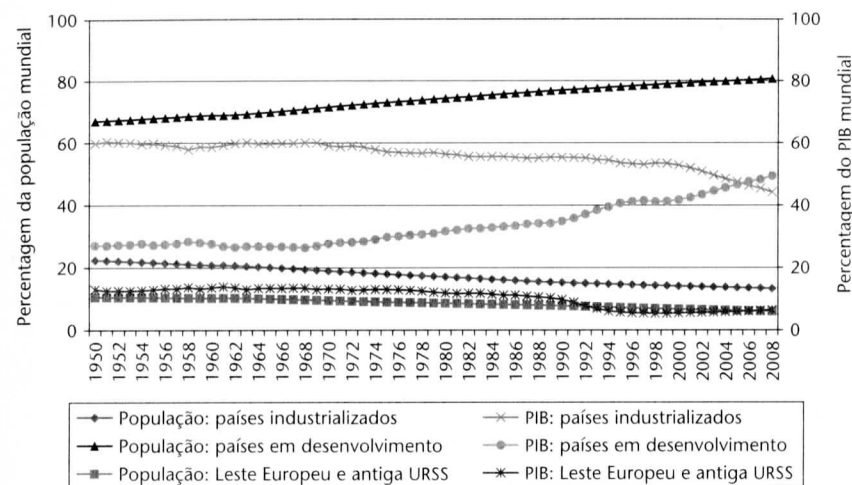
Mas a história foi muito diferente, se considerarmos as diversas regiões. A Ásia foi a exceção, pois sua participação na população mundial aumentou menos de 2%, enquanto sua participação no PIB global deu um salto de quase 20%. A participação da América Latina na população mundial aumentou 0,5%, enquanto sua participação no PIB mundial diminuiu 2%. A África saiu-se pior, pois sua participação na população mundial elevou-se aproximadamente 4%, mas sua participação no PIB global permaneceu inalterada. O Leste Europeu e a antiga URSS também se saíram mal, com a participação na população mundial caindo 3%, enquanto sua participação no PIB global caía 6%. Nesse contexto, é importante reconhecer que a década de 1980 foi a pior época para a América Latina e a África, enquanto a de 1990 foi a pior para o Leste Europeu e a antiga URSS. Foram, realmente, décadas perdidas.

De que modo essas tendências influenciaram a divergência nas rendas *per capita*? A tabela 4.2 mostra que, entre 1980 e 2008, como percentagem do PIB *per capita* dos países industrializados, o PIB *per capita* da América Latina caiu de 36% para 28%, e o da África, de 10% para 7%, enquanto o da Ásia subiu de 10% para quase 20%. A divergência foi claramente maior no Leste Europeu e na antiga URSS, que passaram por um agudo retrocesso econômico na década posterior ao colapso do comunismo, com alguma recuperação na década de 2000.

As tabelas 4.1 e 4.2 fornecem dados em anos de referência seletos, para manter as estatísticas dentro de proporções manejáveis. O quadro que emerge do estudo dessas tabelas é complementado e concluído por dados de séries temporais dispostos em gráficos.

A figura 4.1 resume as tendências da participação dos três grupos de países na população mundial e no PIB global durante o período de 1950 a 2008. Ela confirma que houve uma virada por volta de 1980. Mostra também que houve assimetrias significativas entre as participações na população mundial e no PIB global,

Figura 4.1. Tendências da participação de grupos de países na população mundial e no PIB mundial: 1950-2008



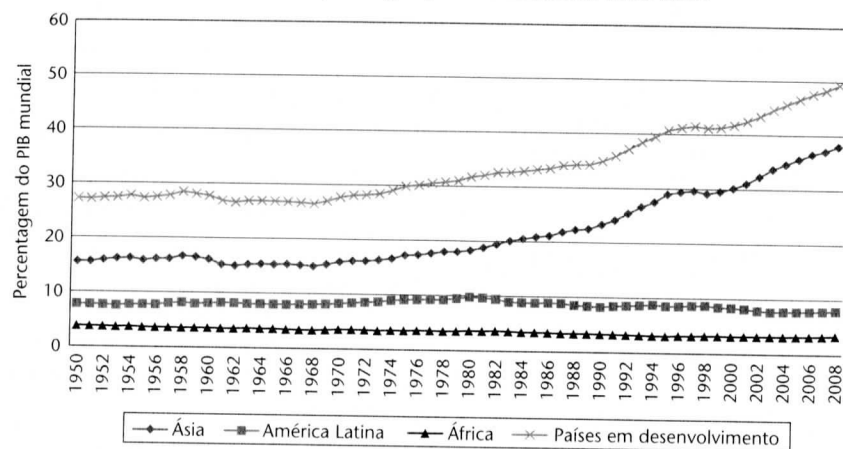
Nota: A população é indicada em milhões de habitantes, e o PIB, em milhões de dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990.

Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison *on-line*; ver Apêndice.

pois os países industrializados tiveram uma participação muito maior no PIB mundial, enquanto os países em desenvolvimento tiveram uma participação muito maior na população mundial. Essas participações foram mais ou menos simétricas nos casos do Leste Europeu e da antiga URSS. O mais importante, talvez, é que a figura destaca o rápido aumento da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial a partir de 1980 e o correspondente declínio da participação dos países industrializados no PIB mundial, com a participação dos primeiros superando a destes últimos em 2006. O declínio acentuado na participação do Leste Europeu e da antiga URSS no PIB mundial, durante a década de 1990, após o colapso do comunismo, é igualmente claro.

A figura 4.2 resume as tendências da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial, separados por regiões, durante o período de 1950 a 2008. Ela confirma que a participação da África se manteve inalterada durante todo o período de quase seis décadas. Mostra que a participação da América Latina teve um crescimento contínuo de 1950 a 1980, mas depois entrou em

Figura 4.2. Tendências da participação dos países em desenvolvimento, desmembrados por região, no PIB mundial: 1950-2008



Nota: PIB em milhões de dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990.

Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison on-line; ver Apêndice.

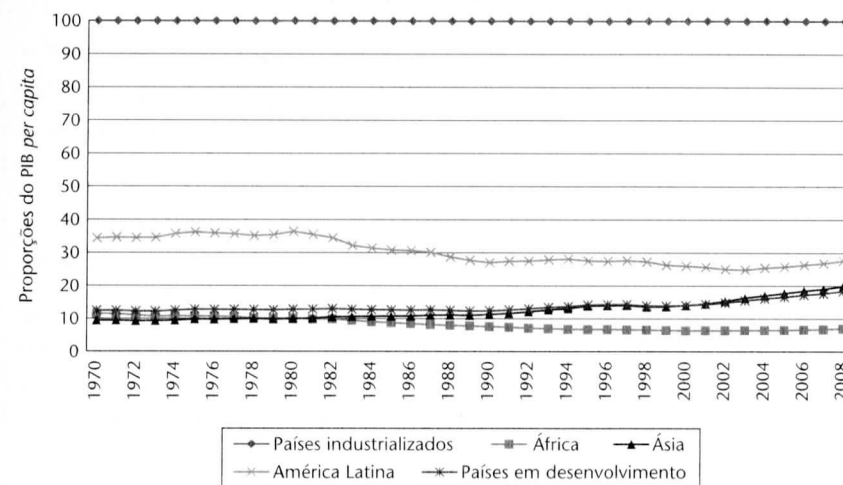
lento declínio. Acima de tudo, destaca o rápido aumento da participação da Ásia no PIB mundial, mais ou menos a partir de 1980, que continuou nas três décadas seguintes. Na verdade, está claro que o aumento substancial da participação dos países em desenvolvimento no PIB global, de 1980 a 2008, pode ser inteiramente atribuída à Ásia.

A figura 4.3 expõe as tendências do PIB *per capita* dos países em desenvolvimento, separados por regiões, como porcentagem do PIB *per capita* dos países industrializados, durante o período de 1970 a 2008. Ela confirma que nos países em desenvolvimento, considerados como grupo, a grande divergência da renda *per capita* comparada à dos países industrializados, que teve início em 1820 e continuou por 150 anos, chegou ao fim no começo da década de 1970. A partir de 1980 tornaram-se discerníveis os modestos primórdios de uma convergência. Mas a imagem que emerge da análise desmembrada é um pouco diferente. Para a África, ao que parece, a divergência persistiu. Na América Latina, onde o aumento da defasagem da renda em relação aos países industrializados se deteve na década de 1970, a divergência voltou e prosse-

guiu até o fim do século; apesar da recuperação dos anos 2000, a defasagem da renda em 2008 era maior do que na década de 1970. A convergência iniciada por volta de 1980, que ganhou impulso a partir de 1990, restringiu-se à Ásia. Na verdade, ela impulsionou a convergência dos países em desenvolvimento, vistos como um grupo. Vale a pena assinalar que a defasagem da renda da Ásia, que fora maior que a dos países em desenvolvimento nas décadas de 1970 e 1980, reduziu-se progressivamente na de 1990 e se tornou menor que a dos países em desenvolvimento na de 2000. Quanto a estes últimos países, considerados em conjunto, houve uma modesta convergência, de base mais ampla, durante a década de 2000.

O uso das estatísticas de Maddison para o período decorrido desde 1950 torna possíveis e coerentes as comparações com o passado, principalmente no tocante às participações e aos níveis, pois as estimativas do PIB para o período de 1820 a 1950 e até antes, usadas na análise do capítulo 2, também foram elaboradas em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990. A tabela 4.1 e a figura 4.1 sugerem que a participação dos países em desenvolvi-

Figura 4.3. PIB *per capita* dos países em desenvolvimento, separados por regiões, como porcentagem do PIB *per capita* dos países industrializados: 1970-2008



Nota: PIB *per capita* em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990.

Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison on-line; ver Apêndice.



mento no PIB mundial atingiu seu nível mais baixo no começo da década de 1960 e ficou abaixo de 27% em 1962. Essa parcela chegou a 49% do PIB mundial em 2008. Em comparação, a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial foi de 43% em 1870 e 63% em 1820 (tabela 2.2). A história não chega a ser tão impressionante em termos dos níveis da renda *per capita*. O PIB *per capita* dos países em desenvolvimento, como proporção do constatado nos países industrializados, atingiu seu nível mais baixo no início da década de 1970 e foi de 12% em 1973. Essa proporção elevou-se para 18% em 2008. Em comparação, a mesma proporção foi de 18% em 1913 e 20% em 1900, mas foi significativamente mais alta em 1870, com 27% (capítulo 2, nota 2). Parece que em 2008, portanto, a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial retornou a seu nível de meados do século XIX, ao passo que sua renda *per capita* em relação à dos países industrializados retornou à proporção do começo do século XX. A participação dos países em desenvolvimento na população mundial atingiu seu nível mais baixo em 1913, com 63% (tabela 2.2), e foi de 67% em 1950. Essa participação alcançou quase 81% em 2008, o que se aproximou de seu nível de 82% no ano 1000 (tabela 2.1).

A discussão precedente sobre a importância dos países em desenvolvimento na economia mundial desde 1950, em termos de população, renda e renda *per capita*, baseia-se em estimativas feitas por Maddison. O foco incidiu sobre as percentagens da população mundial ou da renda mundial e sobre a divergência ou convergência proporcionais na renda *per capita*. As percentagens ou proporções, por sua vez, derivam de dados sobre a renda em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990, que são melhores que as estimativas usuais da PPA, o que facilita as comparações entre países no correr do tempo. Para uma análise das tendências do PIB e do PIB *per capita* desde 1950, também é essencial ter uma ideia das magnitudes absolutas. E, o que talvez seja mais importante, é necessário e apropriado tecer comparações internacionais a ta-

xas de câmbio do mercado. A razão é simples. O cálculo do PIB *per capita* em termos da PPA pode ser útil para as comparações internacionais ou para padrões de vida relativos de indivíduos, no nível microeconômico. Nem mesmo essas comparações, porém, são isentas de problemas. Consideremos o exemplo de um barbeiro de Bombaim que trabalhe no Hotel Taj e retorne para a casa em que mora na favela de Dharavi, comparado a um barbeiro de Nova York que trabalhe na Quinta Avenida, em Manhattan, e volte para a casa em que mora no distrito de Queens. É possível que a renda dos dois seja semelhante em termos da PPA, mas é provável que o padrão de vida do barbeiro de Bombaim seja inferior ao de seu equivalente em Nova York. Entretanto, não é realmente apropriado nem correto, embora esteja na moda, calcular o PIB em termos da PPA dos diferentes países, para estimar a participação no PIB global em termos da PPA, pois essas estimativas baseiam-se num ajuste artificial para cima no preço de bens e serviços não comercializáveis nos países em desenvolvimento.<sup>3</sup> Isso leva a uma distorção para cima nas estimativas da PPA e do PIB desses países, as quais, por isso, deixam de ser comparáveis com outras variáveis macroeconômicas, como o comércio exterior, os investimentos internacionais ou a produção industrial, avaliados a preços de mercado e a taxas de câmbio de mercado.

Por isso, a seção seguinte apresenta dados sobre o PIB e o PIB *per capita* dos países em desenvolvimento, no contexto da economia mundial, com magnitudes absolutas, a preços de mercado e a taxas de câmbio de mercado. Apesar disso, convém dizer que as estatísticas de Maddison para o período anterior a 1950, usadas na análise do capítulo 2, cumprem uma função sumamente valiosa ao fornecerem uma perspectiva histórica de longo prazo, principalmente por não haver nenhuma outra fonte que forneça um banco de dados tão completo. O uso das estatísticas de Maddison no período posterior a 1950, nesta seção, também desempenha uma função valiosa, pois permite comparações com o passado, o que de outro modo não seria possível, além de que as estatísticas

das contas nacionais compiladas pela Organização das Nações Unidas só estão disponíveis a partir de 1970. Para o período posterior a 1970, é claro, existem dados sobre comparações internacionais do PIB e do PIB *per capita* a preços de mercado e a taxas de câmbio de mercado, considerados abaixo, que podem ser facilmente comparados com as estatísticas de Maddison.

## 2. Assimetrias entre as regiões na participação e nos níveis de renda

Vale a pena começar por uma visão das mudanças populacionais, particularmente durante a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI, o que também requer alguma referência ao tamanho absoluto. E vale a pena usar dados censitários nacionais compilados pela ONU. A tabela 4.3 apresenta informações sobre o tamanho da população dos países em desenvolvimento e do mundo, a intervalos de cinco anos, durante o período de 1950 a 2010. Ela mostra que o tamanho da população do mundo em desenvolvimento, composto por Ásia, África e América Latina, cresceu de 1,7 bilhão em 1950 para 3,4 bilhões em 1980 e 5,7 bilhões em 2010. Em grande parte, isso pode ser atribuído a fatores demográficos. Enquanto as taxas de mortalidade caíram, graças a aperfeiçoamentos nos sistemas de saúde pública que eliminaram as doenças epidêmicas, as taxas de natalidade permaneceram altas, pois a pobreza e o analfabetismo persistiram. Esses aumentos das taxas de crescimento populacionais num dado período são característicos das transições demográficas. A tabela também mostra que a participação dos países em desenvolvimento na população mundial aumentou de 2/3 em 1950 para 3/4 em 1980 e mais de 4/5 em 2010. Isso pode ser atribuído ao rápido crescimento populacional dos países em desenvolvimento e às populações estáveis ou em declínio nos países industrializados.

Ao que parece, a participação dos países em desenvolvimento na população mundial em 1980 retornou a seu nível do período entre 1500 e 1820. Em 2010, essa parcela retornou a seu nível do

**Tabela 4.3. Tamanho da população dos países em desenvolvimento e do mundo: 1950-2010**  
(em bilhões de habitantes)

Ano	Mundo	Países em desenvolvimento	Porcentagem de participação dos países em desenvolvimento
1950	2,5	1,7	68,0
1955	2,8	1,9	68,9
1960	3,0	2,1	69,9
1965	3,3	2,4	71,1
1970	3,7	2,7	72,8
1975	4,1	3,0	74,3
1980	4,5	3,4	75,7
1985	4,9	3,7	77,0
1990	5,3	4,1	78,3
1995	5,7	4,5	79,4
2000	6,1	4,9	80,5
2005	6,6	5,3	81,3
2010	6,9	5,7	82,1

Fonte: Organização das Nações Unidas, Divisão Populacional, UNDATA.

ano 1000. No mundo em desenvolvimento, esse crescimento populacional concentrou-se na Ásia e na África. Como no passado, a China e a Índia abrigaram, mais uma vez, uma grande proporção da população mundial, mas houve diversos outros países da Ásia e da África com populações grandes e em rápido crescimento. Vale assinalar que, em 2010, a China e a Índia respondiam juntas por cerca de 36% da população mundial, comparados a uma participação que tinha sido muito maior, na faixa de 50%, entre 1000 e 1700, e ainda maior em 1820, com 57% (Nayyar, 2010).

É ainda mais importante — na verdade, essencial — considerar as tendências da produção ou da renda dos países em desenvolvimento em termos das magnitudes absolutas, avaliadas a preços de mercado. A tabela 4.4 mostra dados (em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado) sobre o PIB dos países em desenvolvimento e da economia mundial, bem como sobre o PIB *per capita* dos países em desenvolvimento e industrializados, a intervalos de cinco anos, durante o período de 1970 a 2010. Ela mostra que o PIB dos países em desenvolvimento aumentou de 0,5 trilhão de dóla-

**Tabela 4.4. PIB e PIB *per capita* nos países em desenvolvimento e na economia mundial: 1970-2010**  
(em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado)

Ano	PIB dos países em desenvolvimento (bilhões de dólares)	PIB mundial (bilhões de dólares)	PIB dos países em desenvolvimento como percentagem do PIB mundial	PIB <i>per capita</i> dos países em desenvolvimento (dólares)	PIB <i>per capita</i> dos países industrializados (dólares)	PIB <i>per capita</i> dos países em desenvolvimento como percentagem do PIB <i>per capita</i> dos países industrializados
1970	549	3.283	16,7	209	2.873	7,3
1975	1.228	6.410	19,2	416	5.387	7,7
1980	2.540	11.865	21,4	772	9.710	8,0
1985	2.552	12.993	19,6	697	10.761	6,5
1990	3.851	22.206	17,3	947	19.303	4,9
1995	5.896	29.928	19,7	1.324	24.898	5,3
2000	6.973	32.244	21,6	1.444	25.711	5,6
2005	10.789	45.722	23,6	2.081	33.977	6,1
2010	20.362	63.151	32,2	3.715	39.723	9,4

Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

res em 1970 para 3,9 trilhões em 1990 e 20,4 trilhões em 2010, ao passo que, como proporção do PIB mundial, ele subiu de 16,7% em 1970 para 17,3% em 1990 e 32,2% em 2010. Mas essas tendências não foram regulares nem contínuas. Houve um aumento dessa participação em 1975 e 1980 por causa da elevação dos preços do petróleo e da explosão dos preços das *commodities*, assim como houve um decréscimo da participação em 1985 e 1990, por causa da década perdida da América Latina e das crises econômicas da África. Ainda assim, fica claro que a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial, a taxas de câmbio de mercado, duplicou de 1/6 em 1970 para 1/3 em 2010.

A história é muito diferente no tocante à renda *per capita*. O PIB *per capita* dos países em desenvolvimento subiu de 209 dólares em 1970 para 947 dólares em 1990 e 3.715 dólares em 2010, ao passo que, como proporção do PIB *per capita* dos países industrializados, caiu de 7,3% em 1970 para 4,9% em 1990, e voltou a se elevar para 9,4% em 2010. Mais uma vez, a tendência é desigual, visto que essa proporção aumentou em 1975 e 1980 e diminuiu em 1985 e 1990, pelas razões mencionadas acima. Em quatro décadas, o PIB *per capita* dos países em desenvolvimento, como proporção do registrado nos países industrializados, teve um aumento modesto, passando de 1:13,6 em 1970 para 1:10,6 em 2010. O aumento assimétrico dos dois conjuntos de proporções pode ser atribuído, obviamente, ao denominador crescente destes últimos, pois a população do mundo em desenvolvimento mais do que duplicou, passando de 2,7 bilhões em 1970 para 5,7 bilhões em 2010.

O quadro do grupo dos países em desenvolvimento pode esconder diferenças significativas entre as regiões. A tabela 4.5 esboça as tendências da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial e as do PIB *per capita* dos países em desenvolvimento como percentagem do PIB dos países industrializados, com dados separados por região a intervalos de cinco anos, durante o período de 1970 a 2010. Ela revela que as tendências foram sumamente desiguais entre as regiões. A participação da África no PIB

**Tabela 4.5. PIB e PIB *per capita* das regiões do mundo em desenvolvimento como proporção do PIB mundial e do PIB *per capita* dos países industrializados: 1970-2010**  
(em porcentagens)

Ano	PIB como porcentagem do PIB mundial			PIB <i>per capita</i> como porcentagem do PIB dos países industrializados		
	Ásia	África	América Latina	Ásia	África	América Latina
1970	8,7	2,7	5,3	5,1	8,4	21,2
1975	9,9	3,2	6,0	5,3	9,0	22,3
1980	11,3	3,7	6,3	5,7	9,3	21,6
1985	10,9	3,0	5,7	4,9	6,6	17,2
1990	10,0	2,2	5,0	3,9	4,0	13,2
1995	11,8	1,8	6,1	4,4	3,0	15,4
2000	13,1	1,8	6,6	4,7	2,9	16,0
2005	15,5	2,2	5,9	5,6	3,2	14,4
2010	21,8	2,6	7,8	8,9	4,2	21,5

Nota: As porcentagens foram calculadas a partir de dados do PIB (em milhões de dólares) e do PIB *per capita* (em dólares) em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado.

Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

mundial registrou um aumento entre 1970 e 1980, depois declinou até 2000, e em seguida veio certa recuperação, mas a participação foi praticamente a mesma em 1970 e em 2010, com pouco mais de 2,5%. A participação da América Latina no PIB mundial permaneceu na faixa de 5% a 6% entre 1980 e 2005, porém elevou-se a quase 8% em 2010. Não é de admirar que a Ásia tenha sido a exceção, pois sua participação no PIB mundial teve um aumento sistemático entre 1970 e 1980, oscilou em torno desse nível até 1995 e, a partir daí, teve uma elevação acentuada, de modo que, a taxas de câmbio de mercado, sua participação mais do que duplicou, passando de menos de 9% em 1970 para quase 22% em 2010.

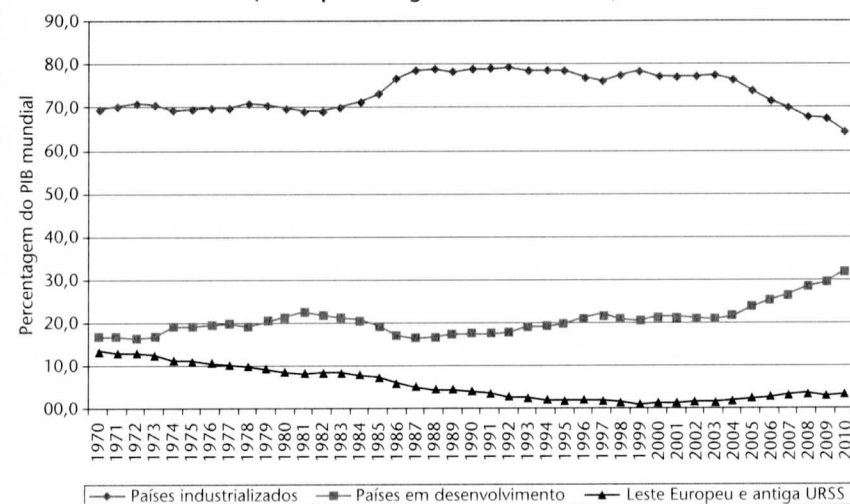
A história dos três continentes em termos da renda *per capita* reflete essas tendências, embora seus níveis iniciais tenham sido muito diferentes. A proporção entre o PIB *per capita* da África e o dos países industrializados foi de aproximadamente 1:12 de 1970 a 1980, caiu continuamente desde então até chegar a 1:35 em 2000; recuperou-se um pouco em 2010, chegando a 1:24. A proporção entre o PIB *per capita* da América Latina e o dos países industria-

lizados ficou acima de 1:5 de 1970 a 1980, caiu para a faixa de 1:6 a 1:7 até 2005 e se recuperou em 2010, voltando a seu nível inicial de mais de 1:5. A proporção entre o PIB *per capita* da Ásia e o dos países industrializados foi de aproximadamente 1:20 de 1970 a 1980 e um pouco menor até 2000, mas desde então subiu depressa, até alcançar 1:11 em 2010.

As tabelas 4.4 e 4.5 fornecem dados a intervalos de cinco anos, para manter as estatísticas dentro de proporções manejáveis. O quadro que emerge do estudo dessas tabelas é complementado por dados de séries temporais dispostos em gráficos.

A figura 4.4 resume as tendências da participação no PIB mundial registrada por países industrializados, países em desenvolvimento e, para completar o panorama, pelo Leste Europeu, inclusive a antiga URSS, em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado, durante o período de 1970 a 2010. O declínio da participação do Leste Europeu e da antiga URSS é impressionante. Começou em 1970, mas ganhou impulso por volta de 1980 e se transformou num rápido declínio durante a década perdida de

**Figura 4.4. Distribuição do PIB na economia mundial: 1970-2010**  
(como porcentagem do PIB mundial)



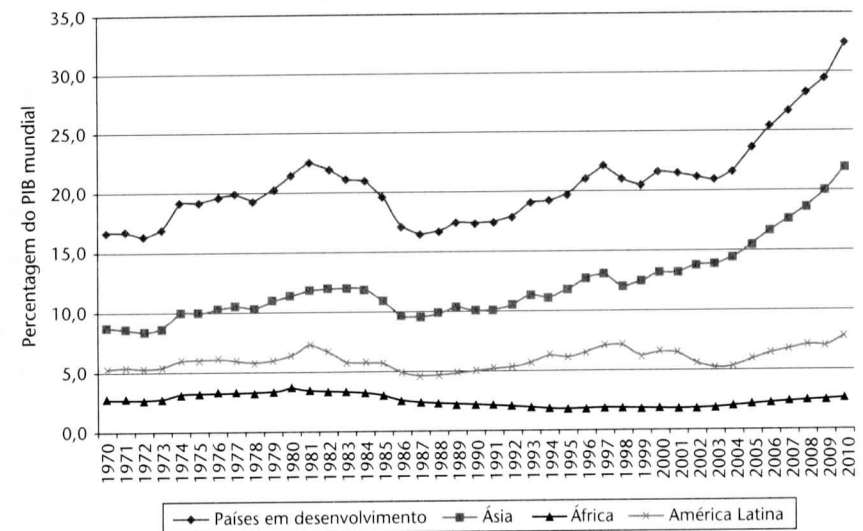
Nota: PIB em milhões de dólares, em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado.

Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

1990. A modesta recuperação que se seguiu, na década de 2000, foi parcial, se tanto, pois a participação em 2010 ficou em 1/3 do que era em 1970. A participação dos países industrializados no PIB mundial foi dominante, na faixa de 70%, durante toda a década de 1970. Teve um aumento acentuado para cerca de 80% em meados da década de 1980 e permaneceu nessa faixa até a virada do século. Esse aumento da participação deu-se principalmente à custa do Leste Europeu e da antiga URSS. Numa pequena parcela, ocorreu também à custa dos países em desenvolvimento na década de 1980. Mas a participação dos países industrializados no PIB mundial sofreu um declínio substancial durante a primeira década do século XXI, baixando de quase 4/5 para aproximadamente 2/3. Isso pode ser atribuído, sobretudo, à participação crescente dos países em desenvolvimento e, em parte, deveu-se a alguma recuperação na participação do Leste Europeu e da antiga URSS, embora a crise financeira e a recessão econômica nos países industrializados também devam ter contribuído para esse declínio nos últimos anos da década. A participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial aumentou ao longo dos anos 1970. É provável que tenha sido impulsionada pelos aumentos acentuados dos preços do petróleo e, em parte, pela alta explosiva dos preços das *commodities*. Mas essa participação decresceu na década de 1980. As crises da dívida na América Latina e na África subsaariana, que levaram a programas de estabilização e ajuste com fortes efeitos de contração, foram, quase com certeza, os fatores subjacentes nessa década perdida. Entretanto, a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial teve um aumento regular na década de 1990 e elevou-se rapidamente na de 2000. Esta última subida se deu basicamente à custa dos países industrializados.

A figura 4.5 resume as tendências da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial em preços correntes, a taxas de câmbio de mercado, decomposta por regiões, durante o período de 1970 a 2010. Ela confirma que a participação da África teve um lento aumento na década de 1970, declinou nas de 1980

Figura 4.5. Distribuição do PIB no mundo em desenvolvimento: 1970-2010 (como porcentagem do PIB mundial)



Nota: PIB em milhões de dólares, em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado.

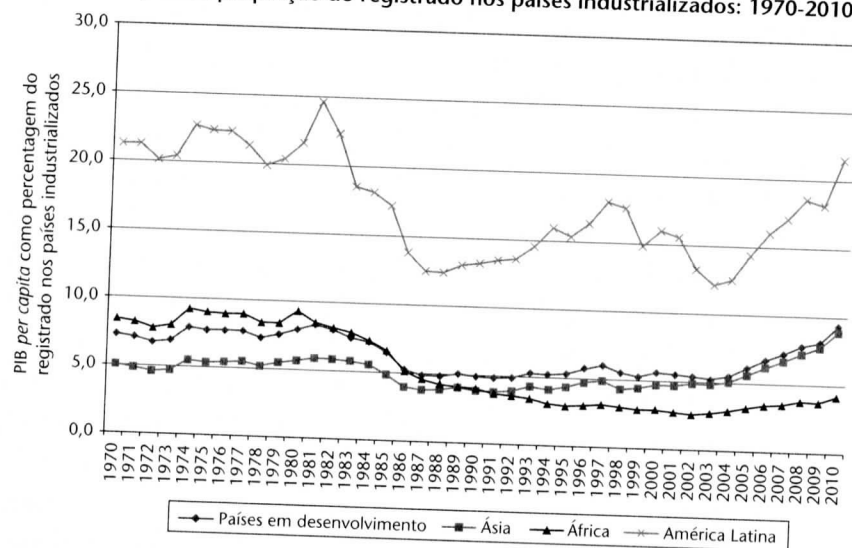
Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

e 1990 e se recuperou na de 2000, mas seu nível permaneceu mais ou menos idêntico em 1970 e em 2010. A figura mostra que a participação da América Latina no PIB mundial aumentou com regularidade ao longo da década de 1970, mas declinou na década de 1980 e subiu na de 1990, depois teve um breve declínio no começo da de 2000 e tornou a se recuperar a partir de então. A figura revela também que a participação da Ásia no PIB mundial elevou-se desde 1970 até meados da década de 1980, estabilizou-se num nível ligeiramente mais baixo por um breve período e teve um crescimento regular ao longo da década de 1990, bem como um crescimento acelerado nos anos 2000. Fica claro que o aumento substancial da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial, de 1990 a 2010, pode ser atribuído, predominantemente, à Ásia.

A figura 4.6 expõe as tendências do PIB *per capita* dos países em desenvolvimento como porcentagem do PIB *per capita* dos países industrializados, em preços correntes e a taxas de câmbio de

mercado, decompondo-os por região, no período de 1970 a 2010. Essa percentagem teve uma lenta elevação na década de 1970, declinou na de 1980, recuperou-se em parte na de 1990 e subiu de forma significativa na de 2000. A divergência parece haver chegado ao fim primeiro, mas a convergência, embora modesta, começou na década de 2000. O PIB *per capita* da África como percentagem do dos países industrializados teve um aumento modesto na década de 1970, mas caiu rapidamente durante as décadas de 1980 e 1990, e teve apenas uma pequena recuperação nos anos 2000. O PIB *per capita* da América Latina como percentagem do registrado nos países industrializados teve um aumento modesto na década de 1970, caiu rapidamente na de 1980, com recuperação parcial ao longo dos anos 1990, e teve outro declínio mais ou menos na virada do século, seguido por recuperação e ascensão a partir do começo dos anos 2000. O PIB *per capita* da Ásia como proporção do dos países industrializados estabilizou-se, de modo geral, num nível em torno de 5% no período de 1970 a 2000, e

Figura 4.6. PIB *per capita* do mundo em desenvolvimento e das regiões que o constituem, como proporção do registrado nos países industrializados: 1970-2010



Nota: PIB *per capita* em dólares em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado.  
Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

desde então aumentou rapidamente. Em suma, nesse intervalo de quatro décadas, a África viveu uma divergência significativa e se tornou o continente mais pobre, a América Latina teve mais divergência que convergência e permaneceu mais ou menos onde estava, mas continuou a ser o continente mais rico, e a Ásia pôs fim à divergência, deixando de ser o continente mais pobre, assistindo aos modestos primórdios de uma ligeira convergência.

Seria natural perguntar se as estatísticas das contas nacionais em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado desenhavam um quadro diferente do fornecido pelas estatísticas de Maddison sobre a PPA em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990. Curiosamente, os contornos gerais dessa história se revelam semelhantes em três questões essenciais: a distribuição da produção ou da renda mundiais entre grupos de países, a distribuição da produção ou da renda entre regiões do mundo em desenvolvimento e a divergência da renda *per capita* entre países industrializados e países em desenvolvimento.

Primeiro, a comparação das figuras 4.1 e 4.4, que indicam as mudanças nas parcelas do PIB mundial dos países industrializados, dos países em desenvolvimento e do Leste Europeu, inclusive a antiga URSS, no período de 1970 a 2008 e em 2010, respectivamente, mostra uma diminuição da participação dos países industrializados, que teve início em 1990 e ganhou impulso em 2000, e um aumento quase equiparável da participação dos países em desenvolvimento, com um declínio contínuo da participação do Leste Europeu e da antiga URSS. Há apenas duas diferenças. Por um lado, as estatísticas da PPA de Maddison minimizam a participação dos países industrializados e exageram a dos países em desenvolvimento, bem como a do Leste Europeu e da antiga URSS, comparadas às estatísticas das contas nacionais a taxas de câmbio de mercado, e vice-versa. Por outro, as primeiras atenuam mais as flutuações do que estas últimas.

Segundo, a comparação das figuras 4.2 e 4.5, que indicam as mudanças na participação dos países em desenvolvimento no PIB

mundial, decompondo-os por região, no período de 1970 a 2008 e em 2010, respectivamente, mostra incríveis semelhanças nas tendências, com mudanças relativamente pequenas quanto à África e à América Latina, mas com um aumento significativo da Ásia a partir de 1990. Esse aumento se acelerou a partir de 2000. As diferenças, mais uma vez, consistem em que as estatísticas da PPA de Maddison exageram a participação dos países em desenvolvimento e apontam tendências mais regulares, comparadas às estatísticas das contas nacionais a taxas de câmbio de mercado. Na verdade, a não ser pela escala, as imagens são quase idênticas.

Terceiro, a comparação das figuras 4.3 e 4.6, que mostram o PIB *per capita* dos países em desenvolvimento como percentagem do registrado nos países industrializados, decompondo-os por região durante o período de 1970 a 2008 e em 2010, respectivamente, mostra semelhanças consideráveis em termos de diferenças inter-regionais, com um declínio sistemático da África, flutuações em torno de uma tendência de ligeiro declínio na América Latina, e tendência crescente da Ásia, iniciada por volta de 1990 e ganhando impulso a partir de 2000, o que quase coincide com a tendência dos países em desenvolvimento como grupo no período de 1990 a 2008 e em 2010, respectivamente. Mais uma vez, a diferença substantiva encontra-se na escala, visto que as estatísticas da PPA de Maddison exageram a proporção, sugerindo uma convergência significativa da Ásia no período de 1990 a 2010, ao passo que as estatísticas das contas nacionais a taxas de câmbio de mercado subestimam a proporção, sugerindo os primórdios de uma modesta convergência da Ásia, embora as histórias da África e da América Latina sejam similares.

### 3. Taxas de crescimento subjacentes

As mudanças na importância de qualquer subconjunto de países no mundo, no correr do tempo, dependem de seu desempenho econômico em comparação com o do resto do mundo. É óbvio que diferenças nas taxas de crescimento do PIB, em termos reais, estão por

trás da mudança da participação de grupos de países no PIB global. É uma simples questão de aritmética que as diferenças nas taxas de crescimento do PIB e da população determinem diferenças nas taxas de crescimento do PIB *per capita*, as quais, por sua vez, moldam a divergência ou a convergência das rendas *per capita* entre os países. Por isso, vale a pena examinar os dados do crescimento econômico em termos do PIB e do PIB *per capita*, nos países em desenvolvimento e nos países industrializados, durante o período de 1950 a 2010. Todavia, dados de séries temporais sobre o PIB e o PIB *per capita* de todo esse período não estão disponíveis numa única fonte. O banco de dados de Maddison fornece uma série temporal do PIB e do PIB *per capita* em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990, em termos da PPA, no período 1950-2008. Mas as estatísticas de contas nacionais da ONU, a taxas de câmbio de mercado, fornecem apenas uma série temporal do PIB e do PIB *per capita*, em dólares constantes de 1990, a partir de 1970.

A tabela 4.6 mostra as taxas de crescimento do PIB e do PIB *per capita* de regiões do mundo em desenvolvimento, dos países desenvolvidos, dos países industrializados e da economia mundial durante os períodos 1951-1980 e 1981-2008. A escolha dos períodos foi determinada pelos dados disponíveis, que sugerem que 1980 foi o momento decisivo, em termos do crescimento econômico, em que houve uma ruptura discernível da tendência vigente em quase todos os pontos da economia mundial (Nayyar, 2008b). Foi também influenciada pelo fato de que, até 2008, há dados disponíveis de ambas as fontes, e de que as taxas de crescimento a longo prazo poderiam ser distorcidas pelo impacto da crise financeira e do declínio econômico que afetaram o desempenho do crescimento em toda parte, nos anos de 2009 e 2010. Essas duas fontes não são estritamente comparáveis. Todavia, é possível solucionar esse problema, já que existem dados disponíveis em ambas as fontes sobre o período 1981-2000. Para facilitar a comparação, a tabela 4.6 também apresenta cifras das taxas de crescimento calculadas separadamente, a partir dos dados de Maddison e da ONU. A comparação

**Tabela 4.6. Taxas de crescimento da economia mundial por regiões e grupos de países: 1951-1980 e 1981-2008**

(percentagem por ano)

	Dados de Maddison		Dados da ONU	
	1951-1980	1981-2000	1981-2000	1981-2008
<b>PIB</b>				
Países em desenvolvimento	4,97	4,31	4,10	4,63
Ásia	5,08	5,77	5,84	6,16
África	4,33	2,44	2,37	3,28
América Latina	5,31	2,25	2,20	2,61
Países industrializados	4,30	2,73	2,73	2,50
Mundo	4,54	3,38	3,01	2,99
<b>PIB per capita</b>				
Países em desenvolvimento	2,70	2,42	2,14	2,79
Ásia	2,87	3,97	3,95	4,42
África	1,79	-0,23	-0,33	0,66
América Latina	2,59	0,37	0,29	0,87
Países industrializados	3,30	2,09	1,90	1,69
Mundo	2,55	1,70	1,25	1,34

Nota: O PIB e o PIB *per capita* são medidos em dólares internacionais (Geary-Khamis) de 1990 nos dados de Maddison, e em dólares em preços correntes a taxas de câmbio de mercado nos dados da ONU.

Fonte: Cálculos do autor com base no banco de dados de Maddison *on-line* e da Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

dos dois conjuntos de taxas de crescimento fornecidos pelas duas fontes, durante o período 1981-2000, mostra que há uma estreita correspondência entre os números. Portanto, é lícito inferir que as taxas de crescimento de 1951-1980 e de 1981-2008, mesmo calculadas a partir de fontes diferentes, sejam comparáveis.

O estudo dos dados apresentados na tabela 4.6 confirma que as diferenças nas taxas de crescimento do PIB estiveram por trás da mudança na participação dos países em desenvolvimento e dos países industrializados no PIB mundial, durante a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI. É fácil explicar por que o declínio dos países em desenvolvimento na economia mundial se interrompeu no período 1951-1980: o crescimento do seu PIB, calculado em 5% por ano, foi um pouco maior que os 4,3% anuais dos países industrializados. Com efeito, as taxas de

crescimento do PIB em cada uma das três regiões do mundo em desenvolvimento, nessas três décadas, foram mais altas que as do mundo industrializado. Isso representou um nítido contraste com seu desempenho no crescimento durante o período 1820-1950, que assistiu a um drástico declínio de sua participação no PIB mundial. Similarmente, o aumento significativo da importância relativa dos países em desenvolvimento na economia mundial, durante o período 1981-2008, pode ser claramente atribuído à sua taxa de crescimento do PIB, de 4,6% ao ano, muito mais alta que os 2,5% por ano dos países industrializados. Nesse período, entretanto, houve diferenças marcantes nas taxas de crescimento do PIB entre as três regiões do mundo em desenvolvimento. O aumento significativo da participação da Ásia no PIB mundial deveu-se à sua taxa de crescimento do PIB, muito mais alta, que registrou 6% por ano durante três décadas. Não é de admirar que a África, com uma taxa de crescimento do PIB de 3,3% ao ano, e a América Latina, com crescimento de 2,6% anuais, tenham experimentado um ligeiro declínio de suas participações no PIB mundial durante 1981-2008. Foi a Ásia que aumentou sua participação no PIB mundial, à custa dos países industrializados.

A história não foi a mesma no tocante à renda *per capita*. A tabela 4.6 mostra que, embora as taxas de crescimento do PIB no mundo em desenvolvimento e em cada um de seus três continentes tenham sido mais altas que nos países industrializados, em ambos os períodos, as taxas de crescimento do PIB *per capita* foram significativamente inferiores, pois as taxas de crescimento da população mantiveram-se em níveis altos e as taxas de mortalidade decresceram, mas não as de natalidade. Essa diferença foi substancial no período 1951-1980, quando o crescimento do PIB *per capita* nos países em desenvolvimento foi de 2,7% ao ano, comparado a 3,3% por ano nos países industrializados. Não surpreende que a divergência tenha continuado, embora em ritmo muito mais lento do que em 1820-1950. Em termos proporcionais, dadas as disparidades nas taxas de crescimento do PIB *per*



Tabela 4.7. Taxas de crescimento da economia mundial por regiões, países e décadas: 1971-2008 (percentagem por ano)

	Dados de Maddison				Dados da ONU			
	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2008	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2008
	PIB							
Países em desenvolvimento	5,23	4,07	4,93	6,41	5,67	3,54	4,67	5,94
Ásia	5,31	5,60	5,76	7,26	5,88	5,54	6,15	6,94
África	4,01	2,22	2,67	5,01	4,22	2,15	2,59	5,60
América Latina	5,57	1,34	3,19	3,52	6,00	1,28	3,12	3,65
Países industrializados	3,34	2,89	2,58	1,91	3,38	2,97	2,49	1,93
Mundo	3,82	3,08	3,06	4,20	3,76	3,08	2,94	2,93
	PIB per capita							
Países em desenvolvimento	2,91	1,95	3,15	4,89	3,34	1,36	2,92	4,44
Ásia	3,08	3,60	4,14	5,93	3,62	3,40	4,51	5,60
África	1,27	-0,61	0,16	2,62	4,22	2,15	2,59	3,17
América Latina	3,13	-0,71	1,52	2,13	3,50	-0,81	1,41	2,32
Países industrializados	2,55	2,29	1,90	1,39	2,63	2,04	1,76	1,16
Mundo	1,92	1,33	1,60	2,94	1,77	1,12	1,38	1,57

Nota: O PIB e o PIB per capita são medidos em dólares internacionais (PPA de Geary-Khamis) de 1990 nos dados de Maddison, e em dólares em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado nos dados da ONU.

Fonte: Cálculos do autor com base no banco de dados de Maddison on-line e na Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

capita, ela atingiu o menor patamar na Ásia e o maior na África, ficando a América Latina no meio. Durante o período 1981-2008, apesar do ritmo econômico mais lento, o crescimento do PIB per capita nos países industrializados foi de 1,7% por ano, comparado a 2,8% por ano nos países em desenvolvimento. Mas este último agregado é enganoso. A Ásia constituiu a exceção. O crescimento do seu PIB per capita foi de 4,4% ao ano, comparado a 0,7% ao ano na África e 0,9% ao ano na América Latina. O resultado foi o fim da divergência e o início de uma convergência modesta na Ásia, enquanto a África experimentou uma divergência significativa e a América Latina assistiu a altos e baixos, permanecendo quase no ponto em que estava.

A discussão anterior é complementada pela tabela 4.7, que apresenta dados sobre as taxas de crescimento do PIB e do PIB per capita dos países em desenvolvimento, com suas regiões constitutivas, dos países industrializados e da economia mundial, usando estatísticas da PPA de Maddison e das contas nacionais da ONU a taxas de câmbio de mercado, o que também foi decomposto no tempo entre os períodos 1971-1980, 1981-1990, 1991-2000 e 2001-2008. A tabela confirma que os dois conjuntos de dados, que não são comparáveis em cifras absolutas, produzem taxas de crescimento admiravelmente semelhantes para cada um dos grupos de países ou regiões, mesmo em períodos mais curtos de uma década. A decomposição adicional em termos de períodos temporais também é valiosa, por fornecer mais informações sobre as décadas que assistiram a transformações importantes na participação da renda na economia mundial, ainda que não nos níveis. Primeiro, ela mostra que os países em desenvolvimento saíram-se muito melhor que os industrializados, em termos do crescimento do PIB e do PIB per capita, durante os períodos 1971-1980 e 2001-2008, quando houve algum emparelhamento na produção total, se não na produção per capita. Segundo, ela destaca o rápido crescimento do PIB e do PIB per capita na Ásia, significativamente maior que nos países industrializados, sobretudo nos períodos

1991-2000 e 2001-2008, quando houve um aumento substancial da participação da Ásia no PIB mundial e os primórdios de uma convergência do PIB *per capita*. Terceiro, no tocante à África, a tabela revela a diminuição do ritmo de crescimento do PIB e a estagnação ou o declínio do PIB *per capita*, durante os períodos 1981-1990 e 1991-2000 — as “décadas perdidas” —, o que respondeu por uma queda da participação no PIB mundial e uma divergência crescente no PIB *per capita*; ela mostra também que as coisas poderiam ter sido piores, sem o rápido crescimento do período 2001-2008. Quarto, quanto à América Latina, a tabela aponta as consequências da contração acentuada do crescimento do PIB e do crescimento negativo do PIB *per capita* durante 1981-1990, a “década perdida”, enquanto o ritmo lento que persistiu durante 1991-2000 teve implicações para sua participação e seu nível de renda em relação à economia mundial. Quinto, a tabela estabelece que, durante 2001-2008, as taxas de crescimento do PIB e do PIB *per capita*, em todas as regiões do mundo em desenvolvimento, foram significativamente maiores que as taxas de crescimento correspondentes nos países industrializados, o que explica o rápido aumento da participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial e a convergência de base mais ampla do PIB *per capita* nos anos 2000.

Para um estudo das tendências em longo prazo, é apropriado focalizar o período decorrido até 2008, pois a crise econômica mundial, a partir dessa data, levou a uma redução marcante do ritmo de crescimento. Mesmo assim, para completar o quadro, a tabela 4.8 apresenta dados sobre as taxas de crescimento do PIB e do PIB *per capita* nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011, em comparação com 2001-2008, no mesmo formato que a tabela 4.7. Ela confirma que houve uma redução marcante do crescimento dos países industrializados, enquanto as taxas de crescimento da Ásia foram quase as mesmas, e as da América Latina, um pouco mais altas, se comparadas a 2001-2008. A África saiu-se pior do que em 2001-2008, porém melhor do que os países industriali-

**Tabela 4.8. Impacto da crise econômica mundial nas taxas de crescimento da economia mundial: 2001-2011**  
(percentagem por ano)

	2001-2008	2001-2008	2008	2009	2010	2011
	(dólares de 1990)	(dólares de 2005)	(dólares de 2005)			
<b>PIB</b>						
Países em desenvolvimento	5,9	5,8	5,1	2,5	7,5	5,8
Ásia	6,9	7,0	5,5	4,4	8,4	6,9
África	5,6	5,3	4,8	0,9	4,0	0,7
América Latina	3,7	3,6	3,9	-2,2	6,0	4,3
Países industrializados	1,9	1,9	-0,1	-4,0	2,7	1,4
Mundo	2,9	2,9	1,4	-2,3	4,0	2,7
<b>PIB per capita</b>						
Países em desenvolvimento	4,4	4,4	3,7	1,2	6,1	4,0
Ásia	5,6	5,8	4,4	3,2	7,3	5,1
África	3,2	2,9	2,4	-1,4	1,6	-1,5
América Latina	2,3	2,2	2,7	-3,3	4,8	3,0
Países industrializados	1,2	1,2	-0,7	-4,5	2,1	0,9
Mundo	1,6	1,6	0,2	-3,5	2,9	1,2

Fonte: Divisão de Estatística da ONU, Seção de Contas Nacionais; ver Apêndice.

zados. Passada a crise, o desempenho do conjunto dos países em desenvolvimento, em termos de crescimento, foi muito melhor que o dos países industrializados.<sup>4</sup> Isso explica a alta acentuada da participação dos primeiros no PIB mundial e a convergência contínua do PIB *per capita* em 2008-2010, o que é claramente visível nas figuras 4.5 e 4.6.

#### 4. Hipóteses sobre a convergência

Na literatura sobre o assunto encontramos a ideia de que, com o tempo, os retardatários na industrialização alcançariam os países que foram líderes no processo de desenvolvimento. Mas essa ideia aparece em duas correntes um tanto distintas. Há uma escola de pensamento na história econômica não convencional e outra escola de pensamento na teoria econômica ortodoxa. Vale a pena considerá-las, ainda que sucintamente, pois a ideia de emparelha-

mento, no contexto dos países em desenvolvimento na economia mundial desde 1950, é também o foco analítico deste capítulo.

Na história econômica, essa ideia de países seguidores que se emparelham com os líderes remonta a Veblen (1915), em seus escritos sobre a Alemanha seguindo os passos da Inglaterra. Em relação a esta última, a ideia foi caracterizada como “punição pela assunção da liderança”. Foi ainda conceitualizada por Gerschenkron (1962) como “vantagens do relativo atraso econômico”, ao considerar a experiência da Rússia como retardatária, o que depois foi estendido para abarcar a França, a Itália e a Áustria. A hipótese essencial pode ser resumida da seguinte maneira: o atraso econômico em relação aos outros cria uma tensão entre a estagnação real e a prosperidade potencial. A defasagem proporciona o incentivo econômico para o emparelhamento, enquanto o processo político impulsiona a inovação institucional. As defasagens maiores criam incentivos mais vigorosos para o salto adiante. A intervenção do Estado cria então as condições iniciais que faltam para o crescimento, a fim de compensar a escassez de capital, mão de obra qualificada, iniciativa empresarial e capacitação tecnológica. O atraso maior requer mais intervenção. A mobilização da poupança para o investimento é crucial. Na Rússia, isso foi feito pelo Estado, ao passo que, na Alemanha, o mesmo papel foi desempenhado pela criação de um sistema bancário que financiou a industrialização. O maior grau de atraso da Rússia exigiu uma ênfase nos bens de capital e não nos bens de consumo, em empresas maiores e não em menores, e em tecnologias intensivas em capital, e não em mão de obra. É benéfico aprender com os erros dos predecessores, de modo que o crescimento econômico dos retardatários caracteriza-se por arrancadas repentinas, com taxas de crescimento elevadas, às vezes excepcionais, em certos períodos. É óbvio que esse modelo tem limitações, mas suas generalizações a partir da história, particularmente da experiência de industrialização da Rússia, fornecem descobertas analíticas de como uma mistura de ideologia e instituições, ou de economia

e política, pode fomentar o sucesso em países que demoraram a se industrializar.

Não é de surpreender que o modo de pensar de Gerschenkron tenha influenciado estudos da história econômica de outros países, como o Japão (Okhawa e Rosovsky, 1973). Ele também levou a uma avaliação quantitativa da análise histórica nos diversos países. Abramovitz (1986) testou a hipótese de as taxas de aumento da produtividade terem uma relação inversa com os níveis de produtividade. Logo, haveria uma tendência para a convergência ao longo do tempo. Ele constatou que na Europa Ocidental existiu esse emparelhamento com os níveis de produtividade dos Estados Unidos, no quarto de século posterior à Segunda Guerra Mundial. Todavia, reconhece-se que o emparelhamento é função não apenas de oportunidades tecnológicas, mas também de capacidades sociais, as quais têm dimensões institucionais que demoram a se desenvolver nas economias, nas firmas e nos indivíduos. Por isso, nem todo país é capaz de realizar seu potencial de emparelhamento, já que isso depende de sua história social e de suas condições iniciais. Em longo prazo, na melhor das hipóteses, a convergência é uma tendência que emerge da experiência média de um grupo de países, a qual não pode ser supersimplificada em resultados generalizados. A ideia central de Gerschenkron também foi formalizada em diversos modelos. Nelson e Phelps (1966) sugeriram que quanto maior a defasagem tecnológica entre o seguidor e o líder, maior a taxa de inovação do primeiro, o que implica uma relação positiva e linear. Assim, a defasagem se reduz com o emparelhamento ao longo do tempo, mas é assintótica em direção a uma constante positiva. Naturalmente, essa abstração não reconhece que, em alguns países, a defasagem tecnológica pode ser tão grande que exclui as condições essenciais até mesmo para que se comece a reduzi-la. Findlay (1976) examinou a dinâmica do emparelhamento em relação à difusão tecnológica por meio do investimento estrangeiro direto, enquanto Gomulka (1970) explorou as possibilidades de trocar bens convencionais por tecnologia incorporada.

Na teoria econômica, a teorização moderna sobre o crescimento, dentro da tradição neoclássica, gerou uma vasta literatura sobre a ideia de convergência. Ela se inspira basicamente na contribuição original de Solow (1956), pois a previsão da convergência encontra-se no cerne do seu modelo. Ele estabelece uma distinção entre a convergência incondicional e a condicional. Na primeira, as diferenças de renda entre os países devem reduzir-se em longo prazo, se os países não tenderem a apresentar diferenças no progresso técnico, nos índices de poupança, no crescimento populacional e até na depreciação do capital. Num mundo assim, as condições iniciais não têm importância. Tampouco a história, aliás. Os países convergem para seus estados estacionários, e esses estados são idênticos em toda parte. Os dados disponíveis não oferecem respaldo a essa ideia de convergência incondicional ou absoluta (De Long, 1988). A versão mais leve da hipótese, a da convergência condicional, afirma que os países convergem para seus estados estacionários, mas que tais estados podem diferir, de modo que é possível controlar as diferenças de parâmetros das várias nações, como diferenças nas taxas de poupança ou no crescimento populacional. A proposição inicial permanece a mesma. Convergência significa uma relação negativa entre taxas de crescimento e níveis iniciais da renda *per capita*. Os dados comprobatórios desta última formulação são menos desfavoráveis, mas não suficientes para sustentar generalização alguma. E mais, não explicam, absolutamente, por que os parâmetros controlados em relação aos quais os exercícios estatísticos fazem ajustes são, na verdade, diferentes entre os países. Ao que parece, essa literatura ortodoxa reduz a complexidade do processo de crescimento à simplicidade de modelos abstratos. Não admira que a ideia seja contestada por fatos empíricos convencionais e pelo desenrolar das realidades do desenvolvimento.

O que sugere a experiência da segunda metade do século XX? Há estudos que se concentram nos países industrializados — os 21 membros originais da OCDE — e mostram que, tipicamente,

os países com PIB *per capita* mais baixo em 1950 registraram taxas de crescimento do PIB *per capita* mais altas até 2000. Entretanto, se ampliarmos essa amostra para além da OCDE e abarcarmos setenta países, inclusive da Ásia e da África, os dados relativos ao período de 1960 a 2000 mostrarão que não há relação clara entre o nível do PIB *per capita* em 1960 e a taxa de crescimento dele até 2000 (Blanchard, 2011).

Há também tentativas de respaldar a hipótese da convergência retornando ao século XIX (Baumol, 1986) e avançando para o século XXI (Lucas, 2000), ambas caracterizadas pelas limitações frisadas acima. O estudo de Baumol sobre os dezesseis países mais ricos do mundo atual, entre 1870 e 1979, mostra uma relação negativa entre o nível inicial do PIB *per capita* e o crescimento desse indicador ao longo do período (Baumol, 1986). Mas outro estudo sobre o mesmo período de 1870 a 1979, que acrescentou apenas sete países a esse conjunto de nações, todos com níveis do PIB *per capita* mais altos que o Japão e a Finlândia, que estavam na parte inferior da amostra original de dezesseis países em 1870, revela que a relação negativa entre o nível inicial e o crescimento do PIB *per capita* desaparece (De Long, 1988). O foco seletivo num punhado de países ricos que obtiveram êxito é um exercício que se valida através da própria escolha de países, pois não foram incluídos vários outros com níveis do PIB *per capita* mais altos que o Japão em 1870. Eles foram deixados de lado, possivelmente, porque refutariam a hipótese da convergência. Tais exercícios poderiam ser descritos como quase tautológicos (De Long, 1988; Pritchett, 1997). É claro que estudos retrospectivos, quando se conhecem as realidades do presente, não devem ser usados para corroborar generalizações que prevejam resultados.

Acreditar na convergência como efeito generalizável ou previsível não é um fato novo. Ela também é enfatizada como uma virtude dos mercados e da abertura durante o período de globalização de 1870 a 1914. Mas vale a pena notar que não houve convergência do crescimento, muito menos da renda, entre os países

da economia mundial nessa época (Nayyar, 2006; Williamson, 2002). A convergência dos preços dos fatores restringiu-se às economias do Atlântico, o que também pode ser atribuído à migração em massa da Europa Ocidental para os Estados Unidos, e não à convergência dos preços dos produtos. Houve certa convergência dos salários reais, mas ela se restringiu a alguns países da Europa, como Dinamarca, Irlanda, Noruega e Suécia. Pouco aconteceu na Itália em termos de emparelhamento, ao passo que a Espanha e Portugal assistiram a uma ampliação na defasagem dos salários. Como já foi assinalado, grande parte da Europa Meridional e do Leste Europeu experimentou uma divergência na renda *per capita* durante esse período.

É claro que construir hipóteses sobre efeitos observados é uma coisa, mas prever resultados futuros é outra, bem diferente. Na realidade, não há nada de automático na convergência, assim como não há nada de automático no crescimento. É comum a convergência e a divergência serem simultâneas. E mais: a convergência é comumente desigual no espaço e no tempo. Isso pode refletir-se em diferenças entre os países nas taxas de crescimento do PIB e do PIB *per capita*, mas também é importante analisar os fatores subjacentes. Assim, seria sensato indagar se podemos aprender alguma coisa sobre essa questão da convergência com a experiência dos países em desenvolvimento na economia mundial durante o período de 1950 a 2010, estudado neste capítulo. Ela não chega a validar a hipótese da convergência. A Ásia teve o mais baixo nível inicial do PIB *per capita* e a mais alta taxa de crescimento desse indicador. A América Latina teve o mais alto nível do PIB *per capita*, mas sua taxa de crescimento desse indicador ficou num ponto intermediário entre os três continentes. A África teve um nível inicial do PIB *per capita* mais alto que o da Ásia e mais baixo que o da América Latina, mas apresentou o mais baixo nível de crescimento do PIB *per capita*. É difícil fazer generalizações no nível dos continentes, ao passo que é possível tirar conclusões sobre a convergência ou a divergência no tocante a países es-

pecíficos. Isto será feito mais adiante. Mesmo assim, fica claro que houve primórdios modestos de convergência na Ásia e uma divergência crescente na África.

### Conclusão

É apropriado voltar às quatro questões enunciadas no início. As mudanças na importância dos países em desenvolvimento na economia mundial, durante o período de 1950 a 2010, proporcionam um nítido contraste, quando comparadas ao período de 1820 a 1950. Em termos das estatísticas de Maddison sobre a PPA, a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial interrompeu seu declínio contínuo em 1962, quando era de 1/4, e aumentou rapidamente depois de 1980, a ponto de chegar a quase 1/2 em 2008, o que ficou próximo de sua participação por volta de 1850. A divergência do PIB *per capita* também se deteve em 1980 e foi seguida por uma convergência modesta a partir de então. Mas, como proporção do PIB *per capita* dos países industrializados em 2008, ficou um pouco abaixo de 1/5, o que foi aproximadamente igual a 1900. Em preços correntes a taxas de câmbio de mercado, entre 1970 e 2010, a participação dos países em desenvolvimento no PIB mundial duplicou de 1/6 para 1/3, enquanto seu PIB *per capita* como proporção do constatado nos países industrializados registrou um aumento modesto, passando de 1/14 para 1/11. Em termos da PPA e das taxas de câmbio de mercado, entretanto, o aumento significativo da participação na produção mundial e a convergência modesta da renda *per capita* foram ambos quase inteiramente atribuíveis à Ásia, pois a América Latina não teve nenhum dos dois, enquanto a África teve uma participação decrescente e uma divergência contínua. Durante a década de 2000, a convergência foi mais discernível e de base mais ampla. As diferenças nas taxas de crescimento do PIB estão por trás da participação crescente dos países em desenvolvimento e da participação decrescente dos países industrializados no PIB mundial. Contudo, as diferenças nas taxas de crescimento do PIB *per capita* foram

significativamente menores, por causa das altas taxas de crescimento da população nos países em desenvolvimento, de modo que a convergência nas rendas *per capita* foi modesta. A ideia de que os países retardatários na industrialização emparelham com os países líderes, no correr do tempo, existe na história econômica não convencional e na teoria econômica ortodoxa. Mas, na realidade, não há nada de automático na convergência, assim como não há nada de automático no crescimento. Muitas vezes, a convergência e a divergência são simultâneas. É comum a convergência ser desigual no espaço e no tempo. Isso é confirmado pela experiência dos países em desenvolvimento na economia mundial desde 1950, experiência que não chega propriamente a validar a hipótese da convergência.

## 5

### Entrosamento na economia mundial

Este capítulo considera a natureza e o grau de interação dos países em desenvolvimento com a economia mundial, pondo em foco as mudanças ocorridas na segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI. Para tanto, ele tece comparações com o passado. Também tenta desmembrar a análise da Ásia, da África e da América Latina, sempre que possível, mas sem ultrapassar as regiões, ou seja, sem se estender aos países. Os canais óbvios de entrosamento são o comércio internacional, o investimento internacional e as migrações internacionais. A seção 1 examina a participação dos países em desenvolvimento no comércio global, traça os contornos da mudança, estabelece uma distinção entre o comércio de bens e o comércio de serviços, e destaca as diferenças significativas entre as regiões. A seção 2 considera as mudanças nos estoques e as tendências dos fluxos de entrada e saída dos investimentos estrangeiros diretos, bem como outras formas de investimento internacional, pondo em foco a importância relativa dos países em desenvolvimento, as assimetrias entre suas regiões constitutivas e as semelhanças ou diferenças em relação ao passado. A seção 3 analisa as migrações internacionais desde 1950, em perspectiva global, explora as mudanças ao longo do tempo, distingue diferentes formas de movimentos transfronteiriços de pessoas, mostra a importância relativa dos países em desenvolvimento, examina as implicações para o desenvolvimento e destaca as diferenças entre o passado e o presente, a fim de explicar por que essa é uma forma significativa de interação com a economia mundial.

4. Essa percentagem foi calculada a partir de dados sobre o valor das exportações de mercadorias em 1870, em milhões de dólares, em preços correntes e a taxas de câmbio de mercado, numa amostra de 42 países, descritos em Maddison (1995, p. 234-235). A amostra incluiu sete países da América Latina, seis da Ásia, quatro da África, treze da Europa Ocidental, quatro das Ramificações do Ocidente, quatro da Europa meridional e quatro do Leste Europeu.
5. Maddison (1989) calculou que, a preços de 1980, o estoque de capital estrangeiro na Ásia, na África e na América Latina era de 108,3 bilhões de dólares em 1900 (p. 30), enquanto o PIB de quinze países seletos da Ásia e da América Latina era de 338,8 bilhões de dólares (p. 113).

### Capítulo 3

1. Não há dúvida de que, quando a Europa mal iniciava suas viagens de descobrimento, os chineses já conheciam os litorais da Índia, da Arábia e do leste da África, de modo que seus conhecimentos marítimos eram muito mais adiantados. Morris (2010) relatou que, em 1405, quando o almirante Zheng He navegou de Nanquim para o que é hoje o Sri Lanka, levou consigo 27 mil marinheiros, inclusive 180 médicos e farmacêuticos, trezentas embarcações, navios-tanque carregados de água potável, dispositivos complexos de sinalização, bússolas magnéticas e informações suficientes sobre o Oceano Índico para preencher uma carta marítima de 6,40m de comprimento. Em nítido contraste, quando Cristóvão Colombo zarpu de Cádiz em 1492, levava apenas noventa homens em três naus, nenhum navio-tanque com água potável, nenhum médico de verdade nem cartas marítimas, e o casco de seu maior navio deslocava apenas 1/30 de água, comparado à maior embarcação do almirante Zheng.
2. O tráfico negreiro europeu teve pouco impacto sobre as economias dos Estados governados pelos árabes, pois o comércio islâmico de escravos continuou durante esse período.
3. Essa comparação emerge com clareza de uma lúcida passagem de Findlay e O'Rourke (2007, p. 355): "Os impérios Otomano, Safávida e Mongol, bem como o da dinastia Qing dos manchus, na China, não eram meras tiranias que expressassem a vontade de um único déspota, mas exercícios complexos de construção de Estados multiétnicos, muito mais intrincados que o dos Habsburgo. Os quatro eram portentosas máquinas militares, mantidas por economias agrárias produtivas e enriquecidas por um comércio considerável, tanto interno quanto externo, que foi impermeável à intromissão ocidental até o século XVIII."

4. Para uma discussão do desenvolvimento econômico da América Latina durante o período 1820-1950, que fornece uma análise sistemática dos fatores subjacentes, ver Bertola e Ocampo (2012).
5. Para uma discussão lúcida sobre por que a cultura simplesmente não tem como explicar o subdesenvolvimento, nem mesmo no mundo contemporâneo, ver Chang (2007a).

### Capítulo 4

1. Vale assinalar que o grupo dos "Países em desenvolvimento" da tabela 4.1, constituído por Ásia, África e América Latina, corresponde exatamente ao grupo de países descrito como o "Resto" na tabela 2.2. Todavia, o grupo de países descrito como "Ocidente" na tabela 2.2 não volta a ser usado, mas é decomposto em dois. O grupo dos "Países industrializados" da tabela 4.1, bem como do restante deste livro, compõe-se de América do Norte, Europa Ocidental, Japão e Oceania, o que corresponde ao grupo formado por Europa Ocidental, Ramificações do Ocidente e Japão na tabela 2.2. "Leste Europeu e antiga URSS" são o mesmo conjunto de países nas tabelas 2.2 e 4.1.
2. É essencial assinalar que, quanto a 1950, os números sobre o PIB *per capita* na tabela 4.2 não são os mesmos que os das cifras correspondentes na tabela 2.4. A razão é que o denominador é diferente nas duas tabelas. Na tabela 4.2, ele é o PIB *per capita* dos países industrializados, grupo formado por América do Norte, Europa Ocidental, Japão e Oceania. Na tabela 2.4, o denominador é o PIB *per capita* da Europa Ocidental e das Ramificações do Ocidente, que incluem a América do Norte, mas não o Japão. Num estudo sobre o emparelhamento que pretenda pôr em foco a segunda metade do século XX e anos posteriores, é necessário e conveniente incluir o Japão entre os países industrializados.
3. Em princípio, isso poderia ser um problema para as estimativas de Maddison usadas no capítulo 2. Na prática, não é, por três razões. Primeiro, a abordagem de Geary-Khamis, adotada por Maddison, é um exercício mais sofisticado de comparações internacionais baseadas na PPA, pois atribui aos países um peso correspondente ao tamanho do seu PIB. Segundo, o método "multilateral" e não "binário" de obter resultados torna transitivas as comparações e transmite outras propriedades desejáveis. Terceiro, de qualquer modo, as possíveis distorções mencionadas no texto seriam mínimas no período anterior a 1950. Para uma discussão mais detalhada, ver Maddison (2003, p. 227-230). Nesse contexto, é importante notar que quase não há outras estimativas sobre o período anterior a 1950, e o pouco que existe é parcial e incompleto. Quanto ao período posterior a 1950, as comparações

internacionais também são feitas neste capítulo usando dados sobre o PIB e o PIB *per capita* das estatísticas das contas nacionais, em preços de mercado e a taxas de câmbio de mercado.

4. Para uma análise de por que o impacto da crise financeira e da Grande Recessão foi menos adverso no mundo em desenvolvimento em geral, e de por que a recuperação dele foi mais rápida, ver Nayyar (2011).

## Capítulo 5

1. Existe uma vasta literatura sobre esse tema do comércio e da industrialização. Ver, por exemplo, Helleiner (1992) e Nayyar (1997). Para uma análise das mudanças na reflexão sobre abertura, industrialização e desenvolvimento que se traduziram em viradas decisivas nos regimes das políticas do mundo em desenvolvimento, durante a segunda metade do século XX, ver Nayyar (2008b).
2. As proporções aqui citadas sobre o começo do século XX foram reproduzidas do capítulo 2, enquanto as referentes ao século XXI, citadas nesse parágrafo, foram calculadas com base no banco de dados *on-line* da Unctad sobre investimentos estrangeiros diretos. Convém dizer que essas cifras sobre a distribuição geográfica e a composição setorial precisam ser interpretadas com cautela, pois a abrangência não é completa e os totais mundiais foram extrapolados com base em informações referentes a 80-100 países, os quais se estima responderem por aproximadamente 4/5 do total de estoques e fluxos na economia mundial. Mas os números fornecem, de fato, ordens gerais de grandeza.
3. As implicações e consequências da migração internacional para o desenvolvimento econômico foram analisadas pelo autor, com alguma minúcia, em outros textos (Nayyar, 2002, 2008). A discussão que se segue apoiou-se nesse trabalho anterior.
4. Curiosamente, isso representou o inverso da migração da terra natal para as colônias num momento anterior da história, embora em menor escala, pois os britânicos emigrantes foram para a Índia e o Caribe, os franceses, para a Argélia e o Vietnã, e os holandeses, para a Indonésia e o Suriname.
5. Durante muito tempo, a Malásia dependeu de trabalhadores da Indonésia em sua agricultura e suas *plantations*. Durante as décadas de 1990 e 2000, Hong Kong, a República da Coreia, Cingapura e Taiwan também emergiram como destinos de trabalhadores migrantes.
6. Os dados citados nesse parágrafo baseiam-se em gráficos de séries temporais das remessas como percentagem do PIB, dos fluxos líquidos de entrada de ajuda e dos fluxos de ingresso de investimento estrangeiro direto nos países

em desenvolvimento, a partir das fontes indicadas neste capítulo. Tais gráficos não são reproduzidos aqui, por limitações de espaço.

7. Essa proposição pode parecer paradoxal, à primeira vista, porque, em sentido contábil, da identidade contábil da renda nacional deduz-se que haveria um aumento correspondente na poupança. Mas a poupança nacional bruta, e não a poupança interna bruta, é que aumentaria, e a economia seria capaz de realizar um excesso de investimento em relação a esta última.

## Capítulo 6

1. Para uma longa discussão sobre o setor de serviços, no contexto mais amplo das mudanças estruturais e do desenvolvimento econômico em países que chegaram tardiamente à industrialização, com particular referência à experiência indiana, ver Nayyar (2012).
2. Esses 57 países foram classificados em doze grupos: Leste Asiático, Sudeste Asiático, China, Ásia meridional, países semi-industrializados, sobretudo da América Latina, mas incluídas a África do Sul e a Turquia, países andinos menores, América Central e Caribe, países “representativos” e “outros” da África subsaariana, Oriente Médio e África setentrional, Leste Europeu e antiga URSS, representada por Rússia e Ucrânia. Os autores examinaram a relação entre as taxas anuais de crescimento do PIB *per capita* e as mudanças estruturais na composição da produção e do emprego, nesse nível de desagregação, durante as três últimas décadas do século XX, estabelecendo uma distinção entre grupos de países que tiveram crescimento constante (essencialmente a Ásia), crescimento lento (países semi-industrializados, América Central e Caribe, Oriente Médio e África setentrional, e Leste Europeu) e crescimento estagnado (países andinos, África e antiga URSS).
3. McMillan e Rodrik (2011) levaram adiante essa ideia e afirmaram que, durante o período 1990-2005, em alguns países latino-americanos e subsaarianos, as mudanças estruturais reduziram o crescimento porque a grande parcela de produtos primários nas exportações limitou o alcance das mudanças estruturais promotoras de aumentos de produtividade.
4. Nesse contexto, é importante reconhecer que o crescimento do emprego só é possível, num setor ou na economia como um todo, quando o aumento da produção *per capita* é maior que o aumento da produtividade.
5. Isso se baseou num conjunto de estudos que analisaram a experiência de industrialização em sete países. A crítica teve prosseguimento e foi mais desenvolvida em estudos de Krueger (1978) e Bhagwati (1978).
6. Williamson (1994) talvez tenha sido o primeiro a usar a expressão “Consenso de Washington” para descrever esse conjunto de políticas, que eram de-